

A ESPERANÇA QUE NASCE DA RESSURREIÇÃO

◆ Pe. Rodolfo Faria ◆

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, inicio nossa reflexão mensal de abril, especialmente a partir da grande memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus na Semana Santa da Igreja, o anúncio da Esperança que nasce da Ressurreição.

O anúncio de Jesus Cristo deve ser portador de Esperança para todas as pessoas, sobretudo para as famílias. A Esperança cristã se fundamenta na memória de Cristo. A ressurreição de Cristo nos revela que Ele não se encontra mais entre os mortos e que, portanto, a ordem deste mundo mortal foi rompida. Aqueles que esperavam que fosse Ele quem libertaria Israel do domínio romano e que restauraria a realeza, pareciam ver seus ideais terminados com aquela morte, que, segundo a teologia reinante (Cf. Dt 21, 22-23), era morte de maldição. Os discípulos de Emaús confessam: “Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel” (Cf. Lc 24, 21). O fato de este abismo intransponível entre a morte de Jesus e aquele primeiro dia da semana ter sido superado por alguns judeus, discípulos do Nazareno, exige uma explicação proporcional

ao abismo. A formidável reviravolta, que da profunda depressão e total desespero causado pela morte de Jesus, levou à força da fé e ao entusiasmo com que os discípulos o anunciaram como Messias, não poderia ser explicada se, no tempo intermediário, não tivesse ocorrido um acontecimento excepcionalmente encorajador. O cristianismo primitivo fundava sua fé não sobre uma reconstrução científica do Jesus histórico, mas na escuta da viva proclamação d'Ele, morto e ressuscitado.



O grande anúncio daquele primeiro dia da semana foi: “Ressuscitou, não está mais aqui”



As aparições do Ressuscitado são mencionadas explicitamente no *kerygma* primitivo (Cf. 1Cor 15, 3-8). Paulo recorda cinco aparições: a Cefas, aos doze, a quinhentos irmãos, a Tiago, a todos os apóstolos e, por fim, a ele mesmo. Em Marcos, não há nenhuma;

Mateus narra duas aparições: uma em Jerusalém (Cf. Mc 28,9-10) e outra na Galileia (Cf. Mc28,16-20); Lucas recorda três aparições, somente na Galileia: aos discípulos de Emaús (Cf. Lc 24,3-33), a Simão (Cf. Lc 24,34) e a todos os discípulos (Cf. Lc 24,36-53). O Evangelho de João foca somente em Jerusalém: a Maria Madalena (Cf. Jo 20,11-18); aos discípulos, primeiro sem Tomé e depois com ele (Cf. Jo 20,19-28), mas o apêndice do capítulo 21 nos leva à Galileia [aparicação aos discípulos, com maior ênfase sobre Pedro em relação a João]. Os Atos dos Apóstolos supõem uma sucessão de várias aparições (Cf. At 1,3; 10,41; 13,31), embora somente a última seja aos apóstolos (Cf. At 1,6-11).

Os Evangelhos narram ainda a presença das mulheres no sepulcro e a realidade do sepulcro vazio, explicitamente presente nos quatro Evangelhos e somente nestes (Cf. Mc 16, 1-8; Mt 28,1-8; Lc 24,1-8; Jo 20, 1-10). A presença das mulheres é confirmada por um contraste da inadmissível função de testemunha segundo a disposição legal judaica, para a qual as mulhe-

res não são consideradas testemunhas válidas. A historicidade do sepulcro vazio é dificilmente contestável.

É a partir da ressurreição de Cristo que o anúncio cristão se tornou um *kerygma* de ressurreição e de vida. Os Atos dos Apóstolos afirmam que, em Seu nome, era pregada a remissão dos pecados. Paulo desenvolve o discurso sobre a ressurreição dos mortos a partir da ressurreição de Cristo (Cf. 1Cor 15). No Cristo ressuscitado, o *eschaton* já está presente em toda a sua ação de nova qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus, que, mais uma vez, se define como o Deus que dá a vida. Com a ressurreição, tiveram início os eventos salvíficos últimos e definitivos.

A ressurreição, enfim, é uma verdade, e não uma ideia ou utopia. Ela constitui o início e a antecipação da geral ressurreição dos justos. Jesus, sendo o primeiro ressuscitado, inaugura um mundo novo e um novo gênero humano que, historicamente, se materializa na Igreja, sacramento da sua presença salvífica. A ressurreição de Jesus não apenas representa todas as outras ressurreições, mas também as precede e as torna possíveis. Ela abre o futuro como futuro de vida e não apenas como simples tempo a vir. O Cristo ressuscitado é, assim, a semente da “nova humanidade”, que, imersa na velha humanidade, a liberta da escravidão do pecado, da lei e da morte. Jesus ressuscitado é o homem novo e abre para a humanidade um futuro de novidade absoluta. A realidade desta plenitude e desta novidade já irrompeu em nossa história, polarizando a marcha para o “estado do ser humano perfeito”, segundo Jesus Cristo. ●

